



1967-2007

Olímpio Ferreira

Um homem que fazia livros

Jorge Silva Melo

Chamava-se Olímpio Ferreira, o seu nome aparece na ficha de dezenas de livros e revistas (da Cotovia, da & etc., da Assírio, da Fenda, da Averno, da Abril em Maio, dos Artistas Unidos, e mais haverá que não sei). Tinha 40 anos, fazia paginação, morreu no dia 30 de Dezembro, ataque cardíaco.

Um dia, há muitos anos, dia difícil para mim, tocou-me à porta com um embrulho que eu supus ter deixado cair - e agradei. Era um exemplar de *Consideram-se Mortos e Morrem*, o belíssimo romance de Vittorini que a PIDE apreendeu nos anos 60 e aparecia na colecção da Portugália como «fora do mercado». Lera um artigo em que eu falava da falta que me fazia esse livro perdido, e apareceu-me em casa (como soube a minha morada? Nunca saberei...) com esse embrulho, um sorriso, um remetente (à Rua da Fé, nome que lhe ia bem). Para onde telefonei, mal me apercebi que não era um vizinho que encontrara nas escadas uma coisa que eu deixara cair. E ficámos amigos.

E foi sempre com esse sorriso e estes livros achados que fui vivendo estes anos com ele, livros que encontrava, e um dia me oferecia, os *Vadios* de Pasolini, tradução de

Virgílio Martinho, capa de Pinto, edição do Vítor Silva Tavares para a Ulisseia, apreendido pela PIDE - que desencantou nunca me disse onde, que tanto o procurei.

Vinha de Coimbra e do movimento católico, falámos pouco desse catolicismo que nos ligava, falámos sempre mais de livros, de traduções que ele sabia estarem a ser feitas (foi ele que me falou de Carlos Leite traduzindo o Pavese, de Manuel Portela a traduzir o Sterne), de poetas que apareciam (deu-me o primeiro Tolentino Mendonça, padre e amigo, não sei se não foi ele também quem primeiro me falou do Luís Quintais, foi ele que me anunciou a decisão do Manuel Gusmão de enfim publicar, sabia sempre tudo, foi ele que me falou da DiVersos), falámos de tipos de letras e da dimensão dos livros (gostávamos de livros pequeninos, livrinhos, chamámos nós à nossa colecção), de capas e de política, rimo-nos da última vez que nos encontrámos, no Campo de Santana, na véspera ou no dia em que lhe nasceu o filho mais novo, rimos dos dislates do poder, sempre falámos mais disso, dos disparates do mundo, ele convidava-me de vez em quando para umas coisas (um colóquio na Nova, um artigo para a revista Intervalo em que trabalhava), recomendava-me pessoas, gente mais nova (o Luís Henriques, que este domingo me anunciou a sua morte - e chorava), aparecia sempre, como da primeira vez, com um sorriso lindo.

E fazia livros, paginava-os, entusiasmava-se, revejo agora o seu deslumbramento com o *Homossexualidade* de Joaquim Manuel Magalhães que publicara a Telhados de Vidro nº 4 (500 ex.). É poema (extraordinário) que não leio sem me lembrar do rosto do Olímpio ao oferecer-mo, «se há poesia política, é esta», dizia, e nesse dia estava declaradamente afirmativo, coisa rara naquela sua maneira de ser, tão discreto que era.

Nunca soube o que queria o Olímpio, se queria fazer outra coisa, se queria escrever, se queria editar, se queria abrir alguma loja de livros, se queria outra coisa, nunca disse, mesmo quando eu o desafiava, sei que fazia livros, queria andar pelo meio deles - e de filmes também, filmes de que, às vezes, falávamos e foi ele que me disse que me conheceu em Coimbra, na estreia do Agosto, na plateia deserta do TAGV - e paginava com saber, com extremo cuidado, destreza, simplicidade, delicadeza. Não sei se atrás do seu sorriso haveria alguma mágoa, alguma coisa que não tinha feito e

queria, sorria, brincava com o destino, falava de amigos e de escritores, de editores e de livros. E dos filhos e das noites em claro.

Era um homem que fazia livros - e às vezes os dava -, que convencia os outros da excelência de certos autores (Gianni Rodari, editado pela Teorema), que convidava ao secreto encontro - e tinha sempre novidades.

Morreu agora, inesperadamente, brutalmente, discretamente, no meio das festas, com tantos amigos fora, e faz-me falta, era um rapaz leal, firme, secreto, discreto, um amigo.

Na missa, em Santa Isabel, Tolentino Mendonça lembrou-o, comovido - e lembrou as bem-aventuranças. E lembrou que não seremos jamais órfãos, sempre seremos herdeiros. Deste rapaz que fazia livros.

Jorge Silva Melo é encenador e director dos Artistas Unidos

Público - 04.01.2008